

**MAMEDE MUSTAFA
JAROUCHE**
é professor do
Departamento de Letras
Orientais da FFLCH -
USP.

Afinação

na arte

de escrever

MAMEDE MUSTAFA JAROUCHE

Abaixo,
Garrincha chuta
na trave da
URSS, na Copa
de 1958



GARRINCHA

a cena é famosa, e todos os que gos-tam de futebol pensam já tê-la visto (pois, à força de ser narrada, cria um efeito retrospectivo de visibilidade): Suécia, Copa do Mundo de 1958, Brasil *versus* União Soviética (que muitos brasileiros insistiam em chamar de “Rússia”). Garrincha dá um drible tão desconcertante em seu marcador (Kuznetsov?) que este cai sentado. Com a maior naturalidade do mundo, o brasileiro pára, ajuda o atarantado adversário a levantar-se e prossegue a jogada.

Inverossímil (mas registrada nos filmes), a cena é também impensável no futebol de hoje. Como é igualmente impensável o surgimento de um jogador como Garrincha; não só pela habilidade – ainda que muito rara –, mas também pelo caráter a um só tempo desprendido e chalaceiro que tal cena evoca. Eis aí um dos méritos da biografia de Garrincha, escrita já lá vão alguns anos por Ruy Castro (*Estrela Solitária – um Brasileiro Chamado Garrincha*): episódios como esse e muitos outros, habilmente narrados no livro, não se vêem mais porque, infelizmente, o futebol ganhou um ranço pragmático e, por extensão, desagradável. Para Garrincha, o futebol existia para que se dessem dribles, e, se o excesso deles atrapalhasse a marcação de um gol, pior para o gol (utilizando metáfora sexual, que ele apreciava muito, pode-se fantasiar um coito prolongado que evita a todo custo o gozo derradeiro, a fim de não esgotar a volúpia). Chutado “como um cachorro” pelos eventuais marcadores, Garrincha, como se escreve na biografia, “dava um risinho fatalista e driblava o grosso novamente”. Jamais lhe ocorreria, como hoje, humilhar o adversário esfregando-lhe nas fuças a fama ou o salário (mesmo porque seu salário nunca foi essas coisas). A humilhação se dava, de forma estrita, dentro dos limites impostos pela regra do jogo.

Humilhando soviéticos, franceses e sue-

cos com seus dribles, o Garrincha absolutamente lúdico que Ruy Castro produz foi, por essa mesma característica, fundamental na conquista da Copa de 1958 (a qual, por sua vez, foi fundamental na imagem dourado-ufanística dos anos JK). O infeliz lateral francês que o marcou, Lerond, ficou tão traumatizado que só conseguiu ver o filme do jogo anos depois. Seu comentário é uma pérola: “Só então compreendi como fui ridículo”. Igualmente impagáveis são os debiques de Garrincha para os soviéticos estabacados: “Conheceu, papudo?”, assim mesmo, em português.

Factual ou não, o anedotário que cerca a personagem não pode ser descartado nas reconstituições que se fazem dela, hoje. Ainda que muita vez tenham contribuído para criar o mito de um “gênio debilóide que não faz jus a Garrincha”, deve-se ressaltar que sua “realidade”, diga-se assim, está no próprio imaginário que lhe propiciou a circulação. Assim, por exemplo, quando se conta que Garrincha arreventou no jogo contra os soviéticos porque, na véspera, Didi e Nilton Santos lhe teriam dito, mostrando a página de esportes de um jornal sueco, que seu marcador o acusara de homossexual e impotente, é óbvio que o que está na parada é o padrão patriarcal e machista. Ou quando se conta que, na preleção do jogo contra os soviéticos, o técnico Feola teria dito “tudo é muito simples: o Didi passa para o Pelé, o Pelé para o Garrincha, o Garrincha dribla os marcadores, cruza na área e o Vavá faz o gol” e Garrincha respondido “tudo certo, mas o senhor já combinou com os russos?”, o que entra em cena é a astúcia que se faz de ingenuidade, elemento caro ao fabulário popular. Ou, ainda, quando se conta que numa excursão ao Pará o técnico do Botafogo, Zezé Moreira, resolvera, sorrateiro, vigiar as deambulações de Garrincha. Surpreendido pelo técnico na zona do metrício – a “casa da Maroca”, como ele dizia (“Ahá! o que é que você está fazendo

aqui?”), Garrincha teria respondido “eu só estou procurando a casa da mãe do Gato [jogador do Botafogo, natural de Belém], que mora aqui perto. Mas e o senhor, seu Zezé, o que é que o senhor está fazendo num lugar desses?”. De novo a astúcia, malandragem que consegue reverter uma situação adversa ao transformar o vigia em vigiado.

“Um Brasileiro Chamado Garrincha” é menos um subtítulo do que um programa, mediante o qual Ruy Castro combina a grande arte de driblar do biografado com elementos de um caráter (ou sina) nacional-brasileiro. É aí que entra o anedotário, cuja leitura, mais ou menos evidente, aproxima Garrincha de um outro personagem, este totalmente literário: o Leonardo das *Memórias de um Sargento de Milícias*, romance brasileiro de 1854-55 – ao menos sob o viés da muito conhecida análise de Antonio Candido, “Dialética da Malandragem” (de longe, o mais sugestivo título da ensaística brasileira), publicada em 1970. Do jogador se poderia dizer, como o faz Candido em relação a Leonardo, que “é amável e risonho, espontâneo nos atos e estreitamente aderente aos fatos, que o vão rolando pela vida”; também “pratica a astúcia [no campo e fora dele] pela astúcia (mesmo quando ela tem por finalidade safá-lo de uma enrascada), manifestando um amor pelo jogo-em-si que o afasta do pragmatismo dos pícaros [leia-se *otários*]”. Ambos circulam num “mundo sem culpa”, num “universo que parece liberto do erro e do pecado”. Até o final de ambos poderia ter sido semelhante: não foi Mário de Andrade que afirmou que o casamento de Leonardo, no final do romance, iria nulificá-lo em “cinzenta burguesia”? Contudo, tanto Leonardo quanto Garrincha eram imprevisíveis: o último teve todas as oportunidades para nulificar-se em cinzenta burguesia nostálgica, mas preferiu destruir-se. Quem sabe Leonardo não fizesse o mesmo?

Mas existem outros elementos para leitura, naturalmente. Um dos mitos subjacentes ao texto de Ruy Castro (mas seria mesmo um mito?) é o do *corpo glorioso* do ponteiro botafoguense. Tinha as pernas tortas, mas sua pisada era a de um anjo

(é o que se registrou nos anais médicos da seleção). Era feio para os padrões estéticos vigentes, mas teve quase todas as mulheres que quis – e na cama, ou grama, que ele escolheu. Parecia incapacitado (“quase um aleijado”) para a prática de qualquer esporte, e no entanto foi o maior driblador que o país já viu jogar. Tem-se, aqui, uma espécie de materialização da fórmula euclidiana do “Hércules-Quasímodo”, mas que passa ao largo de prejuízos deterministas para deter-se nos incidentes de um percurso torto e bafejado pela boa fortuna. De outro lado, o livro quase pode ser lido como uma moderna hagiografia profana, na qual um corpo glorioso, ainda que deformado, se submete à maceração e ao cilício, ali metaforizados pelos pontapés adversários, pelas noitadas de orgia e pela cachaça. A biografia caminha da primavera ao inverno de Garrincha com muita classe e, ao cabo, o relato do outono, agonia e morte do biografado, é uma lição de estilo: mais um pingo de realce e tudo desandaria. Quem



assistiu ao filme *Boleiros*, de Ugo Giorgetti, sabe que é difícil abordar o assunto sem resvalar pela pieguice: a lembrança, para *ex-craques*, não parece agradável. Não deve ser mesmo: a maioria sobrevive a si mesma, e, fato comum, seu cotidiano é uma intermitente oscilação entre os pretéritos perfeito e imperfeito (“quando ele *era* Canhoto, driblava no espaço de um lenço”) – o que poderia torná-los personagens vagamente semelhantes ao patético Napoleão foragido da ilha de Elba, vendendo a si mesmo *falado* pelos outros. Mas seria ele mesmo? Na mesma linha, o outonal Garrincha que contava histórias mentirosas a respeito de si mesmo seria de fato Garrincha, ou um terceiro referindo-se a um mito?

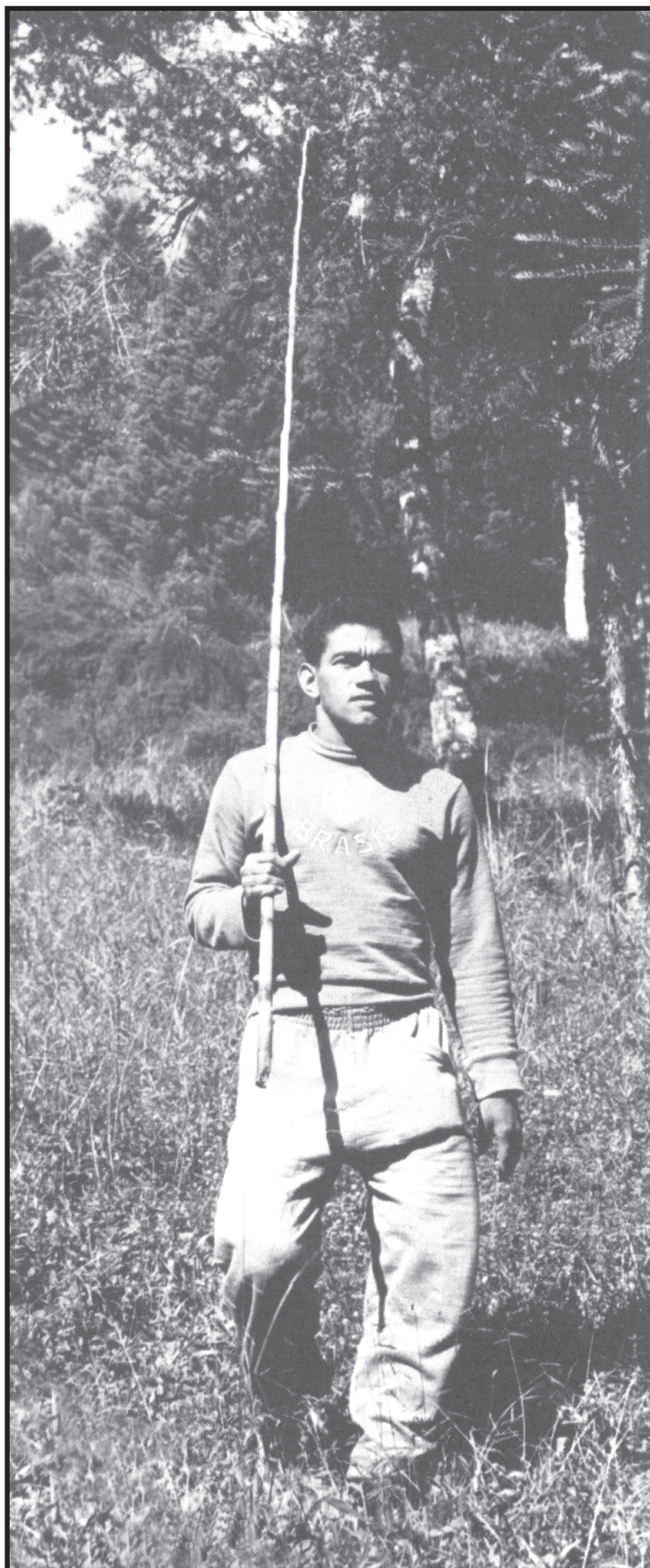
Ruy Castro domina o texto magnificamente – raros escrevem tão bem como ele, cuja clareza exemplar – conquanto às vezes resvale pela incorreção (como o esquisto “foram ordenados a descer do ônibus”) por excessiva concessão à oralidade – sem-

pre resulta em trabalhos primorosos, que se lêem com prazer. *Estrela Solitária* contém achados de humor que dificilmente se esquecem: “times marca-barbante”; “times de fritar bolinhos”; “Lucy estava no céu com diamantes: em 1966, tudo parecia estar acontecendo em Londres”; “[contra a França] a grande área brasileira parecia um *boudoir* de comédia de Feydeau, com amantes entrando e saindo dos armários”; “a continuar daquele jeito, já havia [jogadores] russos contemplando uma temporada na Sibéria”; “se ele [Mazzola] cantasse ‘*Volare*’ num microfone, Mussolini sairia da tumba e dançaria uma tarantela”; “os jogadores [soviéticos] estavam preparados para correr 180 minutos e, depois, sapatear balalaikas sobre os bofes dos adversários”; “Garrincha foi à linha de fundo quinze vezes nesta partida [contra a Suécia] e em todas elas instaurou o pânico no Valhala”; “Zito, com olhos de vilão de gibi de Will Eisner, dentes em forma de grade, os braços abertos como as asas de um pterodáctilo e as pernas em posição de rapa”; “quando não estava na Manchúria, marchando com Mao, ou desembarcando com os aliados na Normandia em 1944, dando instruções ao general Montgomery, Saldanha estava no botequim do Osmar ou no campo do Botafogo, dedicando-lhe tempo e amor de graça”. E outros, muitos mais.

Em ano de Copa, é inevitável que a leitura, ou releitura, dessa biografia suscite reflexões. O futebol, como escreveria Ruy Castro, há muito perdeu o “esmalte poético” de priscas eras. O futebol de Ronaldinho, Edmundo, Romário, Denílson e outros pode causar admiração, espanto até, mas amor, nunca. Explica-se: basta observar o carinho com que é evocada a memória de jogadores do “período clássico” (passe a expressão) como Friedenreich, Leônidas, Zizinho, Garrincha, Didi, Bellini, Canhoto, Mauro, Julinho, Pepe, Coutinho e outros com a de craques mais recentes, como Zico, Sócrates, Júnior, Falcão. Quem gosta de futebol reconhece a grandeza desses últimos – que, tecnicamente, talvez até fossem superiores a alguns dos primeiros –, mas de forma alguma lhes

O time do Botafogo, em 1953





tributa o mesmo amor. Pelé, por ter sido o maior, ocupa lugar à parte, justamente porque seu grande contra-espelho é Garrincha, em cuja biografia, aliás, ele é notável ausência no rol de entrevistados. E Ruy Castro, sutilíssimo, estabelece o contraponto entre ambos: em campo, podem até mesmo ter-se equivalido, mas, nos demais campos de suas vidas, foram a antítese um do outro. Exemplo do contraponto: o livro não o diz, mas sabe-se que em 1974 Pelé recusou-se a jogar pela seleção na Copa da Alemanha. Não adiantaram os apelos, choros e súplicas, pois a retirada era estratégica: Pelé sabia não estar mais no auge de sua forma, embora também soubesse que sua presença em campo poderia contribuir para um melhor desempenho da seleção brasileira. Visivelmente, ele preferiu preservar o nome: cioso de sua majestade, ele previa que, com *aquele* futebol, o Brasil dificilmente seria campeão. Agora, o que o livro conta: em 1966, ainda respeitado mas já em final de carreira, Garrincha foi convocado por Feola para disputar a Copa da Inglaterra. Sabia não ter mais condições de disputar um torneio daquela envergadura (estava capengando no Corinthians, por onde sua passagem não foi nada memorável), mas aceitou o desafio porque, palavras dele, “se eu não for e o Brasil perder, vão dizer que foi por minha causa”. É o que basta, em síntese, para caracterizar a diferença entre as duas personalidades.

Repita-se, enfim, o que tem sido dito *ad nauseam*: embora excelente, o trabalho de Ruy Castro não chega a suprir a enorme lacuna bibliográfica no terreno esportivo brasileiro. Fenômeno exatamente porque paixão, o futebol mereceria muitos outros trabalhos de igual qualidade – livros (e também filmes) às mancheias. Como sugestão, e aproveitando o gancho de *Boleiros*, por que não pensar em algo como “Ponteiros” (atividade que, de qualquer modo, está quase extinta)? Já que existem programas sobre gols, “grande momento do futebol”, o drible – momento maior ainda – não mereceria igual atenção? Muita gente já terá visto gols feios, mas será que alguém se lembra de *dribles* feios? O drible – com efeito – só é feio para quem o toma.